

PÂNICO

FATOR DE ALTO RISCO NOS SERVIÇOS DE EXTINÇÃO DE INCÊNDIOS EM EDIFICAÇÕES ELEVADAS (1)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito estudar as várias implicações decorrentes do Pânico, nos serviços de extinção de incêndios em edificações elevadas.

Este tema carece de literatura a respeito, razão pela qual não dispomos de bibliografia vasta. A análise foi conduzida principalmente em função de experiência pessoal e observações do autor.

Neste trabalho, encontram-se enfoques psicológicos, sociais, econômicos e culturais, superficiais, no entanto inteiramente voltados a tão palpitante assunto.

A abordagem concentra-se basicamente nos dois grandes públicos de interesse dos Corpos de Bombeiros: interno e o externo, e busca alinhar elementos que facilitem a compreensão do fenômeno Pânico, como avaliar as probabilidades de sua instalação em determinadas circunstâncias, e ainda, orienta sobre alguns procedimentos operacionais no caso de sua instalação definitiva.

GENERALIDADES

Extinguir incêndios e salvar vidas e bens. Concentram estes vocábulos a razão de ser dos Corpos de Bombeiros. Expressam a dinâmica da atividade fim. O aspecto preventivo, porém, não perde sua importância uma vez que se confunde com a própria DOUTRINA destas corporações. Constitui o esforço anterior para que incêndios não ocorram.

(1) Artigo publicado na revista «O Bombeiro», Ano I, n.º 1, do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal e cedido à PMMG por especial concessão do Cmt Geral da Corporação, Cel PM José Roberto Megale Vale e da Editoria da Revista.

Nosso estudo enfoca a atividade profissional de bombeiros quando da aplicação tática e técnica, no trabalho de extinção de incêndios em edificações elevadas, agravado pela presença, nessas instalações, de pessoas que se encontrem em seus interiores, nas circunstâncias as mais diversas. Assim, poderemos ter públicos variados conforme a característica da utilização do edifício. Se residencial, supõe-se a população composta por adultos, idosos, homens e mulheres, crianças das várias idades inclusive recém-nascidos, babás e domésticas em geral. Se comercial, supõe-se um público genericamente adulto, de ambos os sexos. Assim, tendo em vista a natureza da ocupação da edificação, poderemos ter sempre uma razoável idéia da população dominante, tendo como referencial indicador o horário da ocorrência. Num estabelecimento bancário, por exemplo, a irrupção de incêndio, após as 20,00 horas, fornece a informação de reduzido número de pessoas em seu interior. Por outro lado, o surgimento de incêndio num estabelecimento hospitalar, no mesmo horário, sugere conclusões diferenciadas.

Estas considerações preliminares nos oferecem importantes aspectos de reflexão, ao projetarmos os trabalhos de extinção de incêndios na tela da nossa realidade profissional.

São públicos e notórios os esforços de aprimoramento técnico e material dos Corpos de Bombeiros. É igualmente evidente o descompasso entre referidos esforços e a resposta dos governantes no sentido de correspondência aos mesmos. Ou seja, os Corpos de Bombeiros sempre encontram-se defasados em efetivo e equipamentos.

Incêndios de registros trágicos como os dos Edifícios Andrauss e Joelma (São Paulo, fevereiro de 1972, 1974, respectivamente) e Edifício Andorinhas (Rio de Janeiro, fevereiro de 1986), conferem eloqüentes atestados do quadro descrito no parágrafo anterior.

Com relação à extinção de incêndios, os Corpos de Bombeiros têm dado grandes demonstrações de denodo e coragem, por conta da coragem e desprendimento de seus integrantes, alimentando assim a conotação de heroísmo e bravura. Por outro lado, no tocante à redução de vítimas fatais nesses mesmos sinistros, nossas corporações trabalham em gritante vermelho, tal qual suas cores. Os saldos de mortos são realmente alarmantes e transmitem ao público uma incômoda sensação de insegurança e medo. Existe uma fobia-incêndio no subconsciente da comunidade, principalmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, palcos das tragédias acima referenciadas. Isto caracteriza um estado psicológico de Pré-Pânico, que será ativado, com conseqüências imprevisíveis, quando da materialização fática do incêndio.

Esse quadro de Pânico presente nos trabalhos de extinção de incêndios, em edificações elevadas, constitui um elemento altamente complicador para o sucesso das operações básicas de combate ao fogo, e eminentemente delicado quanto ao exercício de nossa máxima doutrinária "Salvar vidas e bens."

Aparece aqui inexorável o risco da vida humana. Mútuo, quando se estabelece a relação salvador-vítima. Somando-se o desespero do primeiro ao desespero do segundo, teremos o agravamento máximo da situação em exame.

Ante essa realidade constatada em várias ocorrências de extinção de incêndios, e sua possível reedição, fruto de observação, e desvinculadas de qualquer paixão, realçar as dificuldades com que nos deparamos freqüentemente, ocasionadas pelo nosso despreparo, pela inobservância de regras técnicas por parte de construtores e pela desinformação da comunidade em geral quanto a comportamentos adequados em situações de emergência e pânico, principalmente em relação a incêndios.

O fogo por si só, imprime como fenômeno, respeito, temor e medo. Conforme o observador, adulto ou criança, e ainda o local de sua manifestação, no fogão ou no hospital, conferirá à platéia um nível de aceitação diferenciado. No âmbito doméstico (fogão) provavelmente será concebido como um fato absolutamente normal e corriqueiro, e não ensejará, tanto para o adulto como para a criança, qualquer sensação de perigo. Por outro lado, seu surgimento numa enfermaria de um hospital será apreciado de forma diversa. A criança poderá, por não saber ainda a idéia de risco, divertir-se, curiosa. O adulto, por seu turno, e independentemente do seu grau de cultura, apresentará reações as mais imprevisíveis, desde o estupor e a paralisação à tentativa de fuga, nem sempre a mais aconselhada, ou ainda possível, tendo em vista sua qualidade de enfermo. Corporifica-se aqui o Pânico individual. O raciocínio, instrumento mais qualitativo de espécie humana, cede lugar, definitivamente, para o numerador comum aos animais vivos, o instinto. E nesse universo falará, mais alto e decisivo, o de conservação. Se naquela enfermaria, imaginada, existirem outras pessoas, facilmente poderemos ter presente o Pânico coletivo. Assim também poderá sê-lo em hotéis, cinemas, bancos, colégios e outros. Estabelece-se o caos de comportamento racional. A semelhança ao "estouro da boiada" aproxima-se em todos os detalhes. O medo, nem sempre justificado, será o grande elemento motivador do movimento, da corrida. Para onde, no entanto?

A prática tem demonstrado que, infelizmente, a desordenada e frenética procura de uma saída do quadro de incêndio, por pessoas descontroladas e sem liderança segura, desemboca fatidicamente em banheiros, grades de ferro corredores obstruídos por paredes divisórias, ou ainda em ambientes absolutamente inundados por gases tóxicos, que inviabilizam a permanência, e, na maioria das vezes, não permitem o retorno. A tentativa desorganizada de evasão, impulsionada pelo desejo único de permanecer vivo, estabelece a lei do mais forte em toda sua dimensão, e, invariavelmente, hospeda pisoteamentos, esmagamentos e saltos para a morte. Desesperado gesto que traduz não uma tentativa de escapar, porém, o último esforço para reduzir o martírio e os sofrimentos da morte pelo fogo.

A apreciação realística e de certa forma desconfortável, com respeito à atuação dos Corpos de Bombeiros, nas circunstâncias citadas, não deverá ser motivo de desânimo ou desestímulo. Ao contrário, o que se objetiva é,

partindo da observação crítica, adotar posturas e procedimentos que viabilizem um exercício cada vez mais diligente e bem-sucedido quando da intervenção dos bombeiros profissionais, nos trabalhos de extinção de incêndios, com gravame de prioridade do salvamento concomitante de pessoas.

Precisamos estar plenamente conscientes das dificuldades que encontraremos nessas situações. Mas, muito além dessa consciência, urge que adotemos comportamentos ajustados a essas circunstâncias. Teremos que aliar nossas técnicas e táticas operacionais a um mínimo de conhecimento das reações humanas nos quadros em estudo. Manter permanentemente aceso, em nosso consciente, o aviso que lembra ser a vida do outro sempre mais importante que a própria, e que, por isso mesmo, o sacrifício inútil em nada acresce nosso desiderato. O escopo é efetuar o resgate com segurança para ambos. Salvador e vítima. Necessitamos ainda lembrar que, na relação acima, nem sempre a vítima facilita a ação do salvador, o que reforça a importância do conhecimento das reações de pessoas em risco de vida, com vistas a uma procedimento correto de convencimento, persuasão ou domínio.

EDUCAÇÃO DA COMUNIDADE

O enfoque deste capítulo abrange a comunidade como um todo, ou seja, preocupa-se com todos os seus integrantes, envolvendo, assim, público interno e externo. Por razões puramente didáticas, volveremos nossas observações, em primeiro lugar, para o público interno, isto é, para os bombeiros militares, integrantes de nossas corporações.

Iniciamos as considerações sobre educação de nosso público interno, analisando os aspectos de seleção e formação.

A seleção, via de regra, se faz dentro de parâmetros mínimos de escolaridade e aptidões físicas e psicotécnicas. Nossa clientela, normalmente, provém de camadas pouco assistidas da comunidade, e, por isso mesmo, carentes na sua constituição orgânica e intelectual. Raros são os elementos que chegam às nossas fileiras por questões de vocação profissional. A grande maioria ingressa nos Corpos de Bombeiros por absoluta necessidade de sobrevivência. Este é o quadro dos nossos processos seletivos, em todos os níveis, respeitadas eventuais exceções. É a regra.

A formação dos selecionados, especialmente a do soldado bombeiro, é absolutamente discutível. Normalmente os efetivos precisam ser completados com urgência. A pressa impõe que o período de formação não seja muito longo. A atividade operacional não pode esperar. Assim, a atividade educacional voltada para o exercício de missão de bombeiro, qualificada ainda pela característica militar, não pode se efetivar dentro dos melhores moldes.

A primeira parte, isto é, a formação do bombeiro profissional, é a que mais esforços solicita na intimização do homem leigo nesse mister, com os objetivos da carreira que deseja abraçar, e principalmente seu adestramento e capacitação para desenvolver as várias atividades para as quais poderá ser solicitado. A formação do bombeiro está voltada basicamente

para a ação braçal e/ou moto-mecanizada. A instrução nesse período é generalista. Só ao longo da carreira é que os homens se vão tornando especialistas.

A segunda parte da formação, isto é, a qualificação de militar, e que aqui reportamos, se opera contemporaneamente, será mais ou menos facilitada em função dos candidatos selecionados serem ou não oriundos de FFAA, e, portanto, já conhecedores de alguns institutos característicos. Em linhas gerais e sem pretensões de definitivas, é dessa maneira que se opera a formação do bombeiro militar. Há um apuramento crescente à medida que aumenta o grau de hierarquia ao qual se propõe o curso.

Como somos conhecedores, de modo geral, dos Cursos de Formação e Aperfeiçoamento que nossas Corporações desenvolvem, no Brasil, podemos afirmar que, em nenhum currículo, em qualquer nível, encontramos a preocupação com o aspecto da manutenção do equilíbrio emocional e psicológico de nossos homens, ou ainda que objetive difundir e ensinar comportamentos adequados em situações de risco, oportunidades em que na natureza humana sempre responde mais alto o instinto de conservação.

Ora, nosso bombeiro é um ser humano como qualquer outro, em muitas das vezes em desvantagem face às necessidades sócio-econômicas. Constitui fácil alvo às acometidas emocionais. Por isso mesmo há que se desenvolver um trabalho permanente de acompanhamento psicossocial do nosso homem, com extensão à sua família. Ao lado disso, precisamos desenvolver treinamentos e palestras, com finalidade de evidenciar para os componentes dos Corpos de Bombeiros, as delicadezas que poderão ser encontradas quando do exercício da atividade profissional, especialmente durante a extinção de incêndios em edificações elevadas, agravada pela presença de pessoas em suas dependências. Aqui poderemos deparar com um dos mais difíceis obstáculos à atuação do bombeiro, o Pânico.

Nosso homem tem que estar preparado. Primeiro, para não se contagiar. Segundo, para desenvolver uma ação controladora que inspire e transmita o máximo de confiança. A sensação de medo de que somos possuídos, em maior ou menor grau, conforme a estabilidade emocional de cada um, e de outros componentes psicológicos, deverá estar absolutamente superposta pela nobreza da missão que devemos realizar. Este procedimento, no entanto, só o obteremos na absorção plena da DOUTRINA: SALVAR VIDAS ALHEIAS, e apoiados em conhecimentos específicos que orientem o comportamento técnico-operacional em situações que tais. Emerge, pois, a necessidade de um permanente acompanhamento psicológico do bombeiro, atividade considerada altamente estressante pelos profissionais da psicologia. Parece-nos também altamente relevante emprestar realce a atividades educacionais sobre liderança.

Direcionamos agora nossos comentários ao público externo. O enfoque de educação continua. A comunidade, em geral, enxerga no bombeiro, em situações próprias, a solução de seus problemas. Em alguns casos, a última esperança. Nossa resposta, por conseguinte, terá que ser sempre coincidente a esta expectativa. O bombeiro é um colecionador de sucessos. O revés, e este ocorre, não é o nosso elemento comum, pois, não combina com a magnitude

de nossa missão, mas, infelizmente, às vezes se materializa. Nesses casos, nossa atividade fica incompleta. A ação de bombeiros se completa na sua atuação real, quer preventiva, quer de combate/salvamento. O público externo tem e demonstra das formas as mais carinhosas uma irrestrita confiança em nossas Corporações. Normalmente as ordens e decisões dos bombeiros serão prontamente respeitadas pelas pessoas que querem ter seus bens salvos, ou que se encontrando em determinadas circunstâncias (precisa abrir o apartamento, elevador enguiçado, etc.) carecem de socorro. São situações vexatórias, mas basicamente sob controle. Esse quadro não será o mesmo se as pessoas estiverem confinadas naquele apartamento, e este estiver em chamas. Ou ainda se naquele elevador existir um razoável número de pessoas. As reações serão as mais imprevisíveis em ambos os casos. Nem sempre facilitadoras ao nosso desempenho, que há de ser rápido e seguro, e eficiente e eficaz. Observemos aqui que tratamos de exemplos onde as pessoas identificam nos bombeiros e sua intervenção a chama salvadora, o suspiro de alívio. O quadro nos é favorável. Somos altamente bem vistos.

A atividade de bombeiros, no entanto, será mais facilitada, se conseguirmos desenvolver uma campanha ampla de esclarecimentos ao público externo, quanto aos comportamentos adequados em situações de emergências. Os programas deverão desenvolver-se sob dois aspectos. Um que evidencie a capacitação de nossas Corporações e dos nossos integrantes no exercício de suas atividades específicas. Outro que, selecionando linguagem, adaptando-a aos vários níveis do público externo, indique condutas educativas que passem a integrar seus próprios hábitos. Enfim, é preciso estabelecer uma cruzada permanente de alertamento.

O primeiro aspecto visa a solidificar a confiança da comunidade nas atuações dos Corpos de Bombeiros. O segundo pretende, através de procedimentos educativos e informativos, dotar o público externo de conhecimentos que serão úteis em situações de emergência, e que, quando por si só não forem suficientes, com a presença dos bombeiros profissionais, as ações se efetuarão em plena harmonia. Ressalta-se aqui a imperiosa necessidade de se iniciar tentativas de simulações, para criar confiança na população, implantar o hábito, e ao mesmo tempo observar-se com postura crítica o desempenho profissional de nossos homens.

Os programas educativos para o público externo poderão ser elaborados pelas seções de EM competentes, não se desprezando evidentemente a colaboração de outros setores ou componentes. Ressaltamos que cada programa deverá apresentar linguagem escrita e/ou figurada consoante o nível que pretende atingir. Para sua divulgação ampla e abrangente, todos os meios de comunicação devem ser utilizados, do mais elevado sistema de telecomunicação ao simples aconselhamento individual ou doméstico. Muito embora o presente trabalho se direcione às dificuldades que poderemos encontrar quando da extinção de incêndios em edificações elevadas, os referidos programas educativos enfocarão as mais várias hipóteses possíveis.

No tocante a exercícios simulados de evacuação (cinemas, teatros, edifícios, etc.), encontraremos na própria opinião pública, em geral, posiciona-

mentos nem sempre favoráveis. Esta atividade, pouco usual, implica desconforto, perda de tempo”, congestionamento de tráfego e outros comentários. Para que se consiga sucesso na sua aceitação, teremos que buscar reforços em iguais procedimentos nos países desenvolvidos, o que não deixa de ser uma dificuldade. No entanto, existimos para desafios e este é um deles: implantar um hábito. Nossa cultura, porém, absorve bem determinadas condutas estrangeiras, quando devidamente difundidas. Assim, pois, a exibição de filmes com este tema, de forma sistemática e amparada pela inequívoca disposição dos Corpos de Bombeiros em atuar ao lado, junto às comunidades, terminarão por quebrar as resistências conservadoras.

IDENTIFICAÇÃO DE CLIMA PROPICIO

O título do presente capítulo enseja várias observações no terreno das avaliações prévias. A constatação de uma ambiência favorável à instalação do pânico certamente conferirá àqueles que atuarão na tarefa de extinção de incêndios em edificações elevadas, escopo do presente estudo, uma antevisão do quadro que os aguarda. Esse dado permitirá aos salvadores uma escolha rápida e bem direcionada, na(s) maneira(s) de lidar com pessoas envolvidas na circunstância emergencial.

A nós, bombeiros profissionais, no entanto, não nos basta poder constatar a realidade referida, ou seja, uma atmosfera emocional instável de um grupo de pessoas em perigo, favorável, portanto, à materialização do pânico coletivo, e suas imprevisíveis conseqüências. Precisamos e devemos avaliar, através de criteriosos levantamentos, as áreas de risco, catalogar informações e dados precisos sobre as mesmas, tais como altura, número de pavimentos, população fixa e/ou flutuante, natureza da ocupação, localização etc., a fim de que possamos, por meio de instruções próprias, adestrar nossas equipes para a atuação operacional diante de circunstâncias complicadoras, tal qual sugere o tema deste estudo.

Trata-se, inequivocamente, de uma atividade de cunho preventivo. Esta é, sem dúvida, também, uma das grandes e importantes características da atividade do bombeiro profissional. Sempre atuaremos de forma mais criteriosa e profícua, se detivermos a informação mais completa e mais próxima da realidade com a qual iremos deparar-nos.

O conhecimento, por exemplo, de que o edifício em chamas destina-se à atividade residencial, com uma clientela mista de adultos, jovens, homens, mulheres, crianças, domésticas e até pessoas idosas, com dificuldades de movimento por seus próprios recursos, propiciará aos salvadores a necessidade de diversificar seus respectivos desempenhos. Isto é, conforme as características individuais dos componentes da guarnição de socorro, bem como a experiência no trato com situações semelhantes, a cada um poderá ser destinada uma forma de atuar.

Torna-se claro o entendimento da importância deste capítulo, desde que concordemos serem as atividades de extinção e salvamento bastante favorecidas, estando os bombeiros na posse de informações e dados que possibilitem uma pré-avaliação do momento operacional. Este conhecimento

prévio concede à organização de bombeiros condições de preestabelecer planos de desempenho genéricos, ou específicos, conforme o grau de risco envolvido.

Ilustrando melhor: para edifícios de altura e número de pavimentos mais ou menos iguais, e com a mesma natureza ocupacional, os planos podem seguir uma orientação uniforme. Por outro lado, quando a edificação destinar-se à(s) atividade(s) de risco maiúsculo, como o trato com elementos radioativos e/ou explosivos, o plano terá direcionamento específico, e certamente suas fases serão bem diversas.

Como se vê, procuramos dar realce aos cuidados e cautelas que devem respaldar as ações dos bombeiros profissionais. Nossa atividade é intrinsecamente socorrista, e nesse mister não devemos deixar margem a hesitações ou, pior ainda, a improvisações. O inestimável custo do elemento humano, matéria-prima da nossa profissão, impõe-se à busca permanente de condições satisfatórias para um desempenho preciso, rápido e seguro. Esta é também a expectativa do público externo, para o qual ser bombeiro tem significado sublime e quase divino. Ao bombeiro é admitida a capacidade de tentar o impossível. Para correspondermos a esses anseios, com responsabilidade e sem veleidades, só existe um caminho, o do aprimoramento material, técnico, cultural, individual e coletivo, do nosso sistema, para que o mesmo ofereça um produto final de altíssimo nível, a saber, cumprimento da missão.

Para o atingimento desse objetivo, as corporações de bombeiros devem estar dotadas de recursos humanos e materiais capazes de processar as informações obtidas e constituir um banco de dados que possibilite a otimização do emprego real do sistema, em relação aos resultados esperados.

É um trabalho de fôlego, reconhecemos. O esforço é hercúleo. Sem dimensões também será a satisfação de se constituir um Corpo de Bombeiros à altura da expectativa.

A atividade de bombeiro profissional está entre as de caráter eminentemente essencial. A vigilância é diuturna, uma vez que o desdobramento operacional dar-se-á em momentos imprevisíveis. As circunstâncias, no entanto, no mais das vezes, poderão, em tese, ser preconcebidas, e correspondente a elas, também, pode e deve existir planejamento para pronto emprego, ressalvadas algumas adaptações que se façam exigidas pelo momento fático, ou seja, a emergência real.

Nossa participação como integrante de Corpo de Bombeiros, muito antes de constituir uma necessidade básica de sobrevivência, há que ser, e principalmente, razão de realização pessoal, ante a magnitude de nos podermos tornar útil ao nosso semelhante, em todo o planeta, desde as intervenções mais ingênuas, porém de largo alcance como uma palestra dirigida a crianças, ao máximo do desprendimento humano, que é a exposição destemida da própria vida em benefício da incolumidade física do próximo.

Sabemos que ao exercício da atividade profissional de bombeiros muitas pessoas se inclinam. Uma, por convicção pessoal, vocação, outras, atraídas pelo desejo de vivenciar emoções diferentes. Outras, ainda, atraídas

pela notória simpatia com que a população como gênero, distingue os bombeiros. Entendemos, no entanto, ser elemento muito importante, como indicador para a permanência de um selecionado na corporação, o respeito que este empresta à própria vida. A partir deste parâmetro poderão ser desenvolvidos todos os ensinamentos sobre a atuação do bombeiro com o público externo e sua interação no público interno. Conforme o grau de seriedade com que o bombeiro emoldura a própria existência, poderemos obter-lhe um perfil profissional em níveis razoáveis.

Destarte, fixamos como absolutamente indispensável a busca do esclarecimento da comunidade interna, desde o Comandante e seu Estado-Maior, àqueles todos responsáveis pelo exercício profissional, sobre as múltiplas situações de emergências que poderão ser enfrentadas pela Corporação, com o agravante do confinamento de pessoas, caracterizando clima propício ao surgimento de pânico.

Jamais poderemos olvidar ser o público externo o nosso cliente por excelência, e, por conseguinte, para ele devem se voltar permanentemente não somente nossas preocupações, mas também deve motivar-nos a firme disposição de bem servir.

TÉCNICAS DE CONTROLE

INCÊNDIO!

Edifício elevado! Pessoas confinadas! Possibilidade de instalação de pânico!

A recepção desta curta porém eloqüente mensagem proporcionará a cada bombeiro, individualmente, um recebimento e um processamento personalizado. Cada um, conforme seu grau de adestramento e nível emocional, adotará uma postura/expectativa diferenciada. A resposta do Corpo de Bombeiros, no entanto, há que ser de atuação de equipe, portanto harmônica e uniforme. Como se conseguir então homogeneizar aquelas diversificadas reações acima referidas? Como unificar respostas/estímulos individuais, obtendo uma resposta conciliadora por uma equipe de salvadores composta pelos mesmos indivíduos, objetivando uma intervenção imediata?

Sem dúvida, diríamos que bastaria aplicarem-se as técnicas para controle de pânico e evacuação de pessoas em situação de risco. Para chegarmos a esse exercício, no entanto, se faz necessária uma apreciação, ainda que superficial, porquanto pouco científica, das razões que produzem determinadas reações ou expectativas de medo, passaporte para o pânico.

Parece-nos oportuno algumas referências e comentários sobre o Medo, como se aloja no ser humano e de que modo pode ser mentalizado.

O medo caracteriza-se por uma incômoda sensação de insegurança e desconfiança, que se estabelece quando nos deparamos com situações que exigem uma resposta de que não dispomos, ou ainda, que temos a impressão de que não estamos capacitados a produzi-la. É um desconfortável estado de ansiedade. Algo abstrato, uma vez que não tem uma forma material definida,

que permita uma literal manipulação. Absolutamente concreto, no entanto, uma vez que, paradoxalmente, toma a forma do próprio continente humano, assim como o líquido no recipiente que o contém. Aqui a delicadeza. Se não for subjugada, comandará, de forma desordenada, o comportamento, conquanto domine os reflexos cerebrais. Entenda-se, pois, o medo como uma circunstância, um momento hipotético do estado cerebral. A partir desse estado hipotético, causado por um estímulo correspondente, várias condutas poderão acontecer, individuais ou coletivas.

Em cada enfoque (individual ou coletivo), há que se proceder a estudos aprofundados, que pesquisem as razões para movimentação do indivíduo, ou de um grupo dos mesmos, quando de um incêndio, objetivando a concepção de normas de condutas racionais, estabelecidas a partir da detecção de elementos que animem ou desencoragem uma postura de escape.

Sabe-se que em algumas pessoas o medo atua, paralisando-as. Em outras, redobra-lhes a força. Dinamiza-as.

Em situação de incêndios, encontramos também procedimentos diversos. A criança, por exemplo, até os 03 (três) anos não evidencia reações de temor. O adulto, ao contrário, manifesta claramente sua preocupação com o quadro. Nasce, neste instante, uma observação científica: a teoria do conhecimento ou cognitiva. Defende esta teoria que a criança se atemoriza não-somente com fortes ruídos, súbita perda do equilíbrio físico e com a dor. Referida tese ampara a idéia de que o desconhecimento dos efeitos perigosos da circunstância do incêndio, por exemplo, não induz qualquer estímulo de medo. Por outro lado, essa mesma corrente admite que todos os outros, e são muitos os estímulos atemorizantes, advêm como consequência do aprendizado existencial. Verifica-se a coexistência das influências hereditárias e das influências ambientais, determinantes do comportamento individual.

Ao volvermos nossa atenção para a preocupação com a sobrevivência da espécie, constatamos não ser esta exclusiva do ser humano. Assim é que adotam postura de reserva tal qual aquela os pássaros, quando na presença de outros animais, como as serpentes ou outros depredadores. Caracteriza-se, pois, uma atitude instintiva. Quando, porém, não identificam o risco (armadilhas camufladas etc.), avizinham-se e tornam-se vítimas frágeis e impotentes. Esta ilustração é extensiva a todos os animais. O homem, como ser pensante do reino animal, há que dar resposta diferenciada, porquanto, à luz da inteligência.

Estabelecido, por conseguinte, que a criança (até 03 anos), dificilmente, por não conhecer os riscos de um incêndio, demonstrará reações que retratem medo, classificamo-la como incapaz de esboçar uma conduta de escape, sendo, por isso, alvo imediato das atuações dos socorristas.

Detenhamos-nos principalmente no adolescente e no adulto.

Em primeiro lugar, o próprio bombeiro, como alinhamos no Capítulo II deste estudo, deve estar preparado para processar a situação que lhe sugere risco, e condicionar-se racionalmente a uma resposta compatível,

técnica e emocionalmente. Deve ser devidamente informado de que as pessoas, ante circunstâncias desfavoráveis, como um incêndio, podem sentir-se incapazes de reagir por si, e mais ainda, por conta do conhecimento dos efeitos trágicos de episódios anteriores (divulgados em meios de comunicação), se deixarem invadir e dominar por uma avassaladora sensação de não poder controlar a situação adversa (hipotética ou real), e tentarem atitudes as mais desaconselháveis e, às vezes, extremas, para colocarem-se a salvo.

O bombeiro, por conseguinte, tem que ser sabedor de que o medo, pré-requisito para o pânico, é um tremendo perturbador do comportamento humano nos incêndios. Por conseqüência, terá que envidar todos os recursos para devolver às pessoas confinadas o máximo de segurança para elas próprias e transmitir, de maneira inequívoca, total confiança e aceitação da sua atitude salvadora.

Numa situação de pânico generalizado, a primeira preocupação da equipe de socorro deverá fazer com que sua presença seja traduzida favoravelmente, *reconhecida como elemento de ligação com a vida*. Não será uma tarefa fácil, considerando-se o estágio emocional das pessoas envolvidas. Há que se localizar o menos, ou os menos traumatizados. É um processo seletivo emergencial que exigirá muita acuidade e perspicácia dos socorristas. Uma vez bem percebida a presença dos bombeiros, a tarefa de salvação tornar-se-á menos árdua, do ponto de vista do convencimento. É óbvio que, conforme as dimensões e situação física do sinistro, o desempenho técnico exigirá esforços correspondentes.

Serão desenvolvidas, então, paralelamente aos trabalhos de extinção, as ações de salvamento, aplicando-se as técnicas da persuasão, via diálogo com a(s) vítimas(s), até o emprego da força dominante, proporcional à circunstância, passando também pela clássica batida nas faces (com moderação) de pessoas que se encontrem estatizadas pelo choque. Os socorristas devem estar sempre alertas ao fato de que, nas circunstâncias de um incêndio, não devem esperar comportamentos normais e facilitadores para seu desempenho, por parte das pessoas que se supõem ameaçadas de risco de vida. Para reverter este quadro, tão comum nos incêndios, deverão exercitar com argúcia a capacidade de liderança.

CONCLUSÃO

Após considerações efetivas e diretas sobre a problemática encontrada na extinção de incêndios em edificações elevadas e a possibilidade de instalação de pânico entre pessoas ali eventualmente confiadas, alinharemos comentários finais, sem nenhuma presunção, no entanto, de definitivos sobre o tema.

Em primeiro lugar, reiteramos a importância de que deve ser alvo a educação do nosso universo, público interno e externo. Entenda-se educação, no seu sentido mais amplo e abrangente, que é proporcionar aptidões que permitam ações — respostas compatíveis com as circunstâncias reais. A educação objetiva atender à integridade física, afetiva, intelectual, moral e psicológica

da pessoa humana. Não se restringe ou não deve conter-se no convencional período de aprendizado escolar, mas estender-se durante a vida inteira. O mundo oferece contínua transformação, e, por isso mesmo, o ser humano tem que ter conhecimentos e mecanismos que lhe permitam adaptar-se ou readaptar-se a essas variações. A educação contínua ou alternada será de fundamental importância, à medida que propicie ao indivíduo meios para resolução de problemas concretos, e ainda, e principalmente, desenvolva a capacidade de aprender por si mesmo. Assim, a educação não pode zelar tão-somente pelo continente clássico da escola, mas envolver outras áreas do conhecimento humano, e aqui emprestamos ênfase especial ao aspecto do disseminamento das informações sobre prevenção de incêndios e outros acidentes, sua importância e aplicabilidade na vida diária.

Há um consenso de que a prevenção de incêndio começa na prancheta do projetista. Começa ou deveria começar. Isso dependerá de fatores, tais como o grau de formação, compreensão da importância, e ainda do nível de independência do profissional. Se os elementos mencionados e outros que existam forem negativos, a prevenção não nascerá. Faz-se necessário, portanto, o direcionamento de nossas preocupações para medidas que efetivamente garantam a presença da cautela preventiva contra incêndios nas edificações onde se justifiquem. O caminho mais seguro, nos parece, ainda que árduo, é o da educação, por meio da formação de uma mentalidade coletiva prevencionista.

Nas edificações elevadas em particular, a prevenção envolverá as preocupações quanto à escolha do local, do material de construção a ser utilizado, via de acesso, escadas, sistemas de combate a incêndio dos vários tipos etc. Não deverá, no entanto, esquecer a necessidade e importância da educação e familiarização dos ocupantes ou usuários com referidos sistemas e recursos. A boa utilização dependerá, fundamentalmente, do conhecimento e domínio pelas pessoas dos dispositivos existentes. Relembra-se aqui a relevância dos treinamentos e exercícios simulados.

Por oportuno, reproduziremos palavras de um especialista em Prevenção e Segurança:

“Consciência de prevenção existe mais ou menos desenvolvida em todos nós, a formação é que só existe nos que adquiriram conhecimentos e variará consoante o grau dessa aquisição. Quando se trata de prédios em altura, a problemática da segurança amplia-se e as suas soluções exigem conhecimentos profundos da técnica preventiva, que infelizmente poucos possuem, mas que pelos perigos que comporta tem força suficiente de motivação de formação”. 1

Depreende-se a preocupação com a educação antes referida. Há que ser sistemática e científica.

(1) PÓVOAS, Manoel Soares, Dr., Eng.º Presidente do Conselho Directivo do Centro de Prevenção e Segurança de Lisboa.

Verificamos que dificilmente evitaremos a presença de pânico, sem passarmos obrigatoriamente pela prevenção de incêndios. Os especialistas detêm amplos conhecimentos sobre o surgimento do fogo e suas possibilidades de propagação. Não poderemos, pois, aceitar a assertiva de alguns, segundo os quais o incêndio é uma fatalidade. Mais racional é a que sentencia: "O incêndio surge onde a prevenção falha". O incêndio é conseqüência de uma ausência. Cabe, portanto, aos mesmos especialistas, especificamente, e à comunidade em gênero, a adoção de providências que inibam a evolução e propagação de incêndios, ou mesmo o seu nascimento. Ideal será atingir-se um consenso coletivo da importância de uma luta permanente e harmônica contra este inimigo comum. É a única maneira de se colocar um paradeiro nas catástrofes e incalculáveis prejuízos, humanos e materiais, que têm ocorrido em todo o mundo contemporâneo.

O avançado padrão de tecnologia e conhecimentos humanos não pode permitir reveses trágicos e alarmantes, causados pela desatenção e descaso às mais simples regras acauteladoras e preventivas. A audácia e ousadia de nossos projetistas e construtores devem ser respaldadas por uma conscienciosa postura preventiva que assegure a incolumidade dos usuários e a perenidade de suas criações arquitetônicas. Referidos usuários, por sua vez, hão que desenvolver conscientemente a capacidade de não freqüentar ambientes que não lhes permitam segurança integral, e mais ainda, cobrar aos responsáveis, e num segundo passo, denunciar às autoridades responsáveis pelo assunto a constatação dessas deficiências.

Quando a espécie humana é o realce, todos somos responsáveis. Não comporta omissões sob qualquer argumento.

À medida que admitimos que o pânico reduz e, em alguns casos, elimina a capacidade de raciocínio das pessoas, aceitamos também que necessário será o auxílio externo para resgatá-las com segurança das circunstâncias de risco. Não bastará, portanto, a existência de um dispositivo de escape bem instalado. Os salvadores ou socorristas deverão desenvolver ações compatíveis com emergência, tendo em vista a situação emocional de seus protagonistas.

Pretendemos, com este enfoque, reavivar a necessidade dos ensinamentos educativos do bombeiro, objetivando fornecer informações da conduta humana individual/coletiva, quando em circunstâncias desfavoráveis que ameacem sua segurança e a própria vida. O elemento humano, respeitado o seu grau de formação, quando analisa a situação adversa, dentro de seus parâmetros, e conclui não poder conter por seus próprios meios o risco que o ameaça, esquece qualquer regra de comportamento social, e não se importará de atropelar, pisotear o mais próximo, na tentativa de pôr-se a salvo. Esta conduta individual, a corrida em busca de uma saída, facilmente poderá contagiar outras pessoas envolvidas nas mesmas circunstâncias. Logo o bombeiro, ao dirigir-se para o local de emergência que abrigue estas contingências, não deverá pretender reações normais das pessoas em risco.

Consideramos também de providencial valor o conhecimento prévio por parte dos bombeiros das peculiaridades das edificações de sua cidade, especialmente aquelas elevadas, que motivaram este estudo. Este cuidado permitirá uma mais ágil movimentação no interior dos edifícios, bem como militará quanto a escolha da estratégia de evacuação que deve ser desenvolvida em determinado prédio.

Volvendo à questão do pânico especificamente, entendemos como seu pré-requisito o medo. Este é, sem dúvida, um importante fator de perturbação do comportamento humano e suas reações nos incêndios. No entanto é também, em alguns casos, o ponto de partida para que a pessoa possa processar a circunstância e eleger uma resposta que lhe permita conjurar a adversidade. O medo só se transformará em pânico quando, uma vez analisadas as circunstâncias, a pessoa conclui pela sua total indefensabilidade, ou seja, não vislumbrar qualquer alternativa de salvação.

Com base nesta apreciação, aconselha-se aos responsáveis pela educação e formação dos cidadãos no relacionado aos assuntos de prevenção de incêndios, que contemplem seus currículos ou programas, com ensinamentos sobre técnicas de autocontrole, abrangendo o maior número possível de situações de risco. Incluam-se, nesse contexto, os Corpos de Bombeiros. Devem estes também estreitar suas relações com a comunidade, informando-lhes sobre a eficácia da prática dessas condutas, bem como através de respostas simples e concernentes aclarar-lhes as incertezas.

Infere-se, portanto, que o medo é a antecâmara do pânico. Para conter os resultados imprevisíveis deste, temos que trabalhar intensamente na minimização dos efeitos do primeiro. Este desiderato só será atingido pela conjugação de esforços de autoridades federais, estaduais e municipais, através de adoção de legislação referente ao assunto, que permita aos cidadãos uma razoável dosagem de credibilidade. Legislação que aborde a questão da segurança de incêndio, impedindo o funcionamento ou a construção de edificações que não atendam aos requisitos de prevenção. O cumprimento de referida legislação estará visceralmente ligado ao trabalho de fiscalização e ao peso coercitivo que for conferido às irregularidades detectadas.

Face ao elevado custo dos equipamentos preventivos, reeditamos neste trabalho a idéia da criação de mecanismo para financiar não só os referidos equipamentos, mas também a aquisição de material e viaturas de combate a incêndios/salvamento pelos Corpos de Bombeiros. Seria a instalação de linhas de créditos especiais através do sistema bancário oficial, no caso das organizações de bombeiros e outras estatais, e no sistema bancário privado, para o atendimento de particulares.

Cada País, historicamente, tem desenvolvido, de algum modo, esforços no sentido de enfrentar os perigos dos incêndios, tentando diminuir os prejuízos e as conseqüências nefastas que normalmente os acompanham. No Brasil, talvez pela sua formação continental, os referidos esforços são compartimentados e, pior ainda, episódicos. Normalmente se exarcebam após a ocorrência de alguma tragédia dentro da temática. Carecemos de uma

harmonização de esforços e homogeneização de idéias e métodos, que busquem, definitivamente, neutralizar as perdas humanas e os prejuízos materiais, altamente lesivos ao moral da comunidade. Há que se conciliar as estruturas administrativas, o estágio de conhecimento dos técnicos no assunto e o pensamento dominante da comunidade, a consciência quanto à importância de sua própria segurança.

Finalmente, permitimos-nos enfeixar os comentários sobre: Pânico — fator de alto risco na extinção de incêndios em edificações elevadas, sintetizando com a idéia de que na proporção em que se torna impossível impedir sua presença em determinadas circunstâncias, obrigamos-nos a, em primeiro lugar, adotar providências que dificultem ou restrinjam a materialização de referidas circunstâncias, ou seja, os grandes incêndios. Em segundo lugar, desenvolver em consonância com outros órgãos afins, amplas campanhas educativas, permanentes e com mensagens atualizadas e facilmente compreensíveis pela média da comunidade. O grau de conhecimento de comportamentos básicos em situações de emergências, por parte dos cidadãos, facilitará sobremaneira a atuação dos socorristas e, sem nenhuma dúvida, resultará numa ação conjunta salvador-vítima, de forma coordenada e segura. Não deixará lugar para a instalação do pânico, que só ocupa espaço onde não há coordenação de idéias, e entre pessoas que esquecem a regra básica: A CALMA.

Concluimos então por 03 (três) fatores que, sem dúvida, reduzirão as dificuldades aqui abordadas:

1. legislação rigorosa contra incêndio e pânico;
 2. ampla e objetiva campanha de educação comunitária; e
 3. treinamento específico aos componentes dos Corpos de Bombeiros.
1. BRASIL — Curso Superior de Bombeiro Militar — CSBM 001, Manual para Elaboração de Teses e Monografias — Brasília-DF, 1986.
 2. BRASIL — Escola de Guerra Naval — EGN — 215, Guia para Elaboração de Teses e Monografias.
 3. BRASIL — KURY, Adriano da Gama — Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário — Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1979.
 4. ESPANHA — MIRANDA, Corsino Suarez — Instituto Heráclito da Universidade de Oviedo — Ensaio: O Medo, 1985.
 5. ESPANHA — PAZ, Dolores Diaz — Instituto Heráclito da Universidade de Oviedo — Ensaio: O Pânico, 1985.